



GÊNERO E FUTEBOL: AS MULHERES NA GESTÃO DO FUTEBOL BRASILEIRO

Monique Torga¹
Francielle Pereira Santos²
Ludmila Nunes Mourão³

Resumo

Com o advento do esporte como fenômeno de massas, o futebol se tornou uma hegemonia enquanto prática desportiva e social, destacando suas organizações no cenário global. As mulheres vêm se inserindo neste quadro desportivo, que ainda é hegemonicamente masculino, ou seja, um espaço visível de segregação de gêneros. O objetivo do trabalho é diagnosticar as barreiras encontradas por gestoras de clubes brasileiros de futebol e analisar as relações de gênero em suas trajetórias profissionais. No estudo, seis mulheres que atuaram e atuam como gestoras responderão a uma entrevista semiestruturada. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa e caráter descritivo e as reflexões serão norteadas pelo referencial teórico pós-estruturalista dos estudos de gênero.

Palavras-chave: Gênero. Futebol. Gestão do futebol.

Introdução

Sabemos que as questões de gênero estão cada vez mais presentes nos discursos sociais devido a sua importância em romper com os paradigmas construídos ao longo da nossa história. Os estudos teóricos nos mostram as mudanças no contexto das relações de trabalho e fazem surgir novos modelos de carreira e o impacto do gênero na construção de trajetórias profissionais. Os espaços executivos anteriormente dominados por homens, cada vez mais estão sendo pleiteados por mulheres com o interesse de construir e consolidarem uma promissora carreira profissional.

Assim, este estudo tem como objetivo explorar a trajetória das mulheres executivas na gestão do futebol brasileiro, e saber dessas mulheres como foi a construção das suas carreiras e quais as dificuldades enfrentadas por elas neste processo.


O cenário trabalhista atual também é resultado do contexto patriarcalista em que nossa sociedade foi construída. A mulher teve sua identidade social construída historicamente

¹ Bacharel em Educação Física e Desportos, Universidade Federal de Juiz de Fora, moniquetorga@gmail.com.

² Mestra em Educação Física e Desportos, Universidade Federal de Juiz de Fora, frangepereiras@hotmail.com.

³ Doutora em Educação Física e Cultura, Universidade Federal de Juiz de Fora, mouraoln@gmail.com





através de seu papel maternal, o que primariamente culminou na sua exclusão do ambiente de trabalho, que para Safioti (1993), advém de uma precisa delimitação da sociedade em relação a quais campos estas mulheres podem ou não atuar. Atrelado ao fato da responsabilização delas pelas tarefas domésticas bem como pelo cuidado e socialização dos filhos.

Ainda segundo Safioti (1993), com a revolução industrial e a automatização dos processos, a superação dos homens pela força física, se torna obsoleta, pois o trabalho físico deixa de ser necessário para a realização das tarefas habituais nas indústrias. Os casamentos ficam mais tardios e há uma considerável diminuição nas taxas de fecundidade, conseqüentemente no número de indivíduos por família. As mulheres passam a buscar por mais escolarização, além de se inserir não só nos espaços organizacionais, mas principalmente dão um passo importante na construção de uma carreira. (BRUSCHINI; LOMBARDI, 2007)

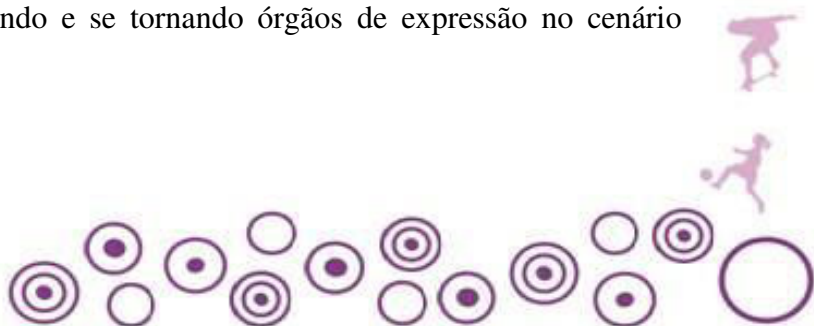
“Mas uma das mudanças mais importantes na condição das mulheres e um dos fatores mais decisivos da transformação dessa condição é, sem sombra de dúvida, o aumento do acesso das jovens ao ensino secundário e superior, que, estando relacionado com as transformações das estruturas produtivas (sobretudo o desenvolvimento das grandes administrações públicas ou privadas e das novas tecnologias sociais de organização de quadros), levou a uma modificação realmente importante da posição das mulheres na divisão do trabalho: observa-se assim, um forte aumento da representação de mulheres nas profissões intelectuais ou na administração [...]” (BOURDIEU, 1998, p. 108).

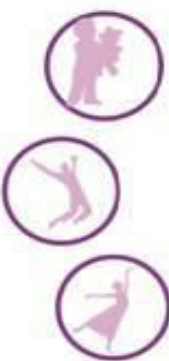
Todo este processo de luta não foi suficiente para legitimar essas mulheres quanto profissionais, de acordo com Thiry-Cherques (2003), “[...] o que permite às mulheres disputar espaço no mercado de trabalho é o seu nível médio de escolaridade, 35% mais alto do que o dos homens, e o seu patamar médio de remuneração, 25% mais baixo”, ou seja, evidências estatísticas da desvalorização do trabalho da mulher.

É possível afirmar, segundo Bruschini e Puppini (2004) apud Bruschini (2007), que é significativo o número de mulheres em ascensão em cargos de diretoria e gerência, levando em consideração uma outra característica peculiar, que além de serem mais jovens, essas mulheres conseguem alcançar os cargos gestores em menos tempo. Ou seja, “mais de 80% das diretoras tinham menos de 50 anos em comparação a 64% de diretores, mas 44% delas estavam no emprego há menos de três anos”. (BRUSCHINI, 2007, p. 556).

O trabalho e a mulher nas organizações futebolísticas

Com o advento do esporte como fenômeno de massas, as organizações gestoras do esporte brasileiro também foram crescendo e se tornando órgãos de expressão no cenário nacional e mundial.





O futebol se tornou uma hegemonia enquanto prática desportiva, como apontado por diversos autores, jornalistas e cronistas brasileiros, sendo considerado uma paixão nacional (BATISTA; DEVIDE 2009). O esporte como manifestação cultural é também palco da autoafirmação da identidade masculina sendo um ambiente onde é visível uma segregação de gêneros, com a dominância do masculino (COELHO, 2009); e no futebol, o principal símbolo da cultura nacional, estas fronteiras se fazem mais visíveis, “um esporte construído por homens e para homens” (VAZ, 2005).


Dentro do cenário esportivo, ainda é um grande desafio para as mulheres conquistarem cargos nos postos diretivos e, uma vez que chegam lá, tem de enfrentar uma série de desafios gerados especialmente pela forma como as relações de gênero foram constituídas no mundo desportivo (MOURÃO, 2004). Embora num contexto em que o homem ainda é quem comanda a maioria das organizações gestoras do esporte brasileiro – federações, confederações e secretarias atuando como dirigente, técnico e árbitro, podemos encontrar, ainda que em pequeno número, aquelas que romperam as barreiras e seguem em ascensão nas suas carreiras profissionais no cenário futebolístico brasileiro.

O desenvolvimento do espaço da mulher no esporte no país, incluindo o futebol, foi atrasado por este histórico de preconceitos e proibições, a prática do desporto feminino era seccionada pelo governo. O artigo 54 do Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941⁴, que vigorou até a década de 1970, limitava as modalidades liberadas para as mulheres, “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos (CND) baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país.” Na ditadura militar, o CND delimitou a participação das mulheres no esporte brasileiro: “Não é permitida [à mulher] a prática de lutas de qualquer natureza, do futebol, futebol de salão, futebol de praia[...]”. Mesmo com o fim da CND na década de 1980, a herança de proibições ainda pairava sobre as mulheres no futebol. (CASTELLANI FILHO, 2012)

A década de 1990 foi marcante para o desporto no cenário esportivo mundial, pois em 1991 foi criado o Campeonato Mundial de Futebol Feminino, considerado como a Copa do Mundo do Futebol Feminino. Devido a tal acontecimento, os dirigentes da Confederação Brasileira de Futebol escalararam às pressas a primeira seleção nacional de futebol feminino. (DARIDO, 2002), e, a partir de então, vêm trazendo uma maior visibilidade para a profissionalização das mulheres no cenário futebolístico brasileiro.

⁴ BRASIL. Decreto Lei nº 3.199 de 14/4/41 – Estabelece as Bases de Organização dos Desportos em todo o país





Segundo Gomes, 2006, “as estruturas das instituições esportivas brasileiras contribuíram para a violência simbólica da divisão hierárquica do trabalho entre os gêneros, no campo da gestão do esporte”. *O simbolismo do gênero na ocupação de um cargo no meio esportivo pode ser exemplificado pela metáfora do "teto de vidro" que, invisível, efetivamente impede ou ao menos dificulta as mulheres de chegarem ao topo.*

O fenômeno do “teto de vidro”, utilizado principalmente no ambiente organizacional, refere-se à barreira invisível que impede as mulheres de alcançarem posições de liderança e as restringe a funções subordinadas, na base da pirâmide hierárquica. De forma geral, o termo é aplicável em carreiras nas quais as mulheres enfrentam grandes dificuldades de ascensão. O sentido figurativo da expressão indica que, pela transparência do vidro, as mulheres conseguem visualizar acima delas os mais altos cargos, entretanto, ao tentar atingi-los, elas se deparam com a parede (ROCHA, 2006, p. 77).

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) temos cerca de 49 milhões de mulheres chefes de família no Brasil. Esses dados apenas demonstram que há muito tempo a mulher é fundamental para o país no mercado de trabalho e na tomadora de decisões. (KFOURI, 2016)

É preciso fazer mudanças para se obter maior representatividade das mulheres nos papéis de liderança, provando que mulheres e homens não diferem em suas habilidades para comandar, se estiverem em posições semelhantes. (SOUZA OLIVEIRA, 2002 apud GOMES, 2008, p. 87).

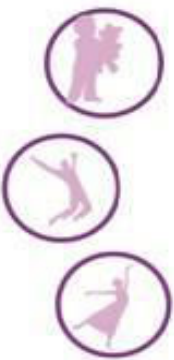
A luta das mulheres pelo espaço no futebol já se estende há quase 40 anos, e ainda não possuímos estudos em números expressivos de representação feminina nas diretorias e gestão de clubes e órgãos reguladores. Mulheres que ousam ocupar espaços que não são tradicionalmente reconhecidos como próprios ou naturais, do futebol à política, são tratadas como desviantes e revolucionárias, e sofrem materialmente as consequências desse simbolismo da exclusão.

Portanto, podemos concluir que a escassez de mulheres no futebol, em todas as suas dimensões, precisa ser ressignificada, pois representa ainda uma distorção na sociedade atual, colocando a questão de gênero como central a ser debatida no futebol.

Objetivos

O Objetivo deste estudo é entender como ocorreu a inserção das gestoras no contexto futebolístico, saber como foi a construção da profissionalização dessas mulheres para entrada no mercado e identificar os desafios enfrentados pelas mulheres na ascensão em suas carreiras profissionais.





Metodologia

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter descritivo em que busca compreender os sentidos construídos na trajetória profissional de gestoras no futebol brasileiro – a partir dos referenciais de gênero.

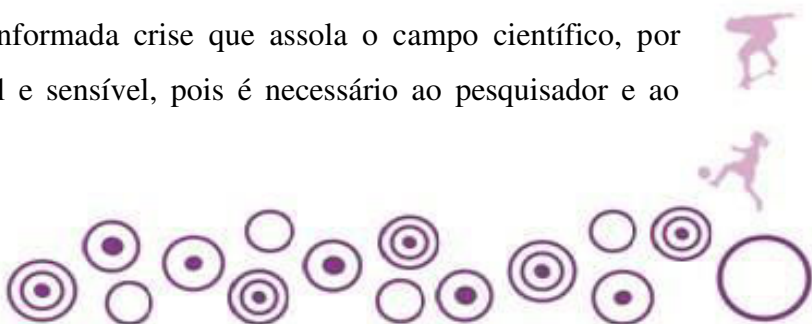
No futebol profissional, a principal competição futebolística no país é o Campeonato Brasileiro de Futebol, também conhecido como Campeonato Brasileiro e Brasileirão. O campeonato é disputado anualmente por 60 equipes masculinas subdivididas nas séries A, B e C. A CBF (Confederação Brasileira de Futebol) é o órgão que regulamenta as competições futebolísticas no Brasil, e em seu site oficial foi possível encontrar todos os clubes atuantes pela categoria e assim, individualmente nas páginas oficiais de cada clube conferir a listagem de integrantes das comissões técnicas e diretorias e identificar em seu histórico as 6 (seis) mulheres gestoras participantes deste estudo.


A coleta de dados será realizada por meio de entrevistas gravadas, logo após parecer favorável do Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Juiz de Fora. Todas as participantes serão esclarecidas da natureza da pesquisa e assinarão o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O local e o horário das entrevistas serão determinados no decorrer do estudo, de acordo com a disponibilidade das participantes que irão compor a pesquisa. Durante a entrevista permanecerão no local somente a pesquisadora e a entrevistada. As entrevistas serão transcritas na íntegra, respeitando todas as formas discursivas apresentadas por nossas participantes. Os nomes das participantes da pesquisa serão mantidos em sigilo.

Em função dos objetivos desse trabalho, o instrumento de coleta foi elaborado com base nos pressupostos da História Oral Temática que prevê a objetividade no processo de elaboração e realização das entrevistas. De acordo com Meihy (2005):

A história oral temática se compromete com o esclarecimento ou opinião dos entrevistados sobre algum evento definido. A objetividade, portanto, é direta [...]. Detalhes da história pessoal do narrador interessam na medida em que revelem aspectos úteis à compreensão da temática central do estudo. (MEIHY, 2005, p. 162).

A História Oral como método de pesquisa permite uma maneira de fazer ciência que reclame por meios de superação da conformada crise que assola o campo científico, por valorizar a razão como saber intelectual e sensível, pois é necessário ao pesquisador e ao





entrevistado acessarem a subjetividade tanto para narrar, interpretar e se apropriarem daquilo que foi narrado, ouvido, sentido no campo da pesquisa (SALGADO, 2014).

Referências

BATISTA, Renata Silva; DEVIDE, Fabiano Pries. Mulheres, futebol e gênero: reflexões sobre a participação feminina numa área de reserva masculina. **Revista Digital EFDeportes**, Buenos Aires, v. 14, n. 137, 2009.

BRUSCHINI, Cristina; LOMBARDI, Maria Rosa. Trabalho, educação e rendimentos das mulheres no Brasil em anos recentes. In: HIRATA, Helena; SEGNINI, Liliana (Org.). **Organização, trabalho e gênero**. São Paulo: SENAC, 2007. p. 43-88.

BRUSCHINI, Cristina; LOMBARDI, Maria Rosa **Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos**. São Paulo, 2007.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Esporte e mulher em perspectiva**. 2012. Disponível em: <<https://universidadedofutebol.com.br/esporte-e-mulher-em-perspectiva/>>. Acesso em: 27 maio 2018

COELHO, Juliana. Voleibol: um espaço híbrido de sociabilidade esportiva. In: TOLEDO, Luiz Henrique; COSTA, Carlos Eduardo. **Visão de jogo: antropologia das práticas esportivas**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009

DARIDO, Suraya Cristina. A prática do futebol feminino no ensino fundamental. **Motriz**, v. 8, n. 1, p. 1-9, 2002.

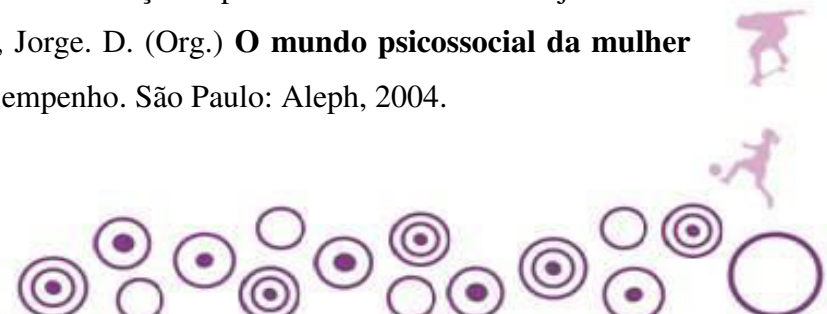
GOMES, Euza. **A participação das mulheres na gestão do esporte brasileiro**: desafios e perspectivas. 2006. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado)–Curso de Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro.


KFOURI, Juca. **Futebol e Mulheres**. Disponível em: <https://blogdojuca.uol.com.br/2016/02/futebol-e-mulheres/> Acesso em: 29 mai. 2017

LOUREIRO, C. M. P.; COSTA, I. de S. A. da; FREITAS, J. A. de S. B. e F. Trajetórias profissionais de mulheres executivas: qual o preço do sucesso? **Revista de Ciências da Administração**, Florianópolis, v. 4, n. 33, p. 130- 146, ago. 2011.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 2005.

MOURÃO, Ludmila et al. Mulheres na administração esportiva brasileira: uma trajetória em curso. SIMÕES, Antonio C.; KNIJNIK, Jorge. D. (Org.) **O mundo psicossocial da mulher no esporte**: comportamento, gênero, desempenho. São Paulo: Aleph, 2004.





ROCHA, C. T. C. **Gênero em ação: rompendo o teto de vidro?** Novos contextos da tecnociência. 2006. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

SAFFIOTI, H. I. B. **O poder do macho**. 5.ed. São Paulo: Editora Moderna, 1993.

SALGADO, Mara; FRANCISCATTI, Kety Valéria Simões. A análise dos dados da História Oral: fundamentos para uma Psicologia Crítica. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 14, n. 1, p. 304-319, 2014.

THIRY-CHERQUES, Hermano (2003), “Responsabilidade Moral e Identidade Empresarial”, **Revista de Administração Contemporânea**, Edição Especial, 31-50.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VAZ, Antônio Carlos. Futebol e representações de gênero: engendrando ações afirmativas e pedagógicas. In: SOUZA, Adalberto dos Santos. **Desafios para uma educação física crítica**. São Paulo: Cult, 2005.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

